

A CULTURA SURDA ATRAVÉS DO TEMPO: UM ESTUDO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE

Eliana INFANTE¹

Profa. Esp. Rosangela Aparecida Araujo FERREIRA²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um pouco da história da Língua de Sinais bem como identificar sua importância na formação da Comunidade Surda. Entender como a Cultura Surda em seus vários aspectos é importante para a constituição da comunidade em questão. Identificar como surgiram as primeiras comunidades surdas e como os mesmos conseguiram se fazer representados. Falar sobre as barreiras oralistas enfrentadas pelo surdo no passado e até nos dias de hoje. Analisar a importância do reconhecimento e da legitimidade das comunidades surdas para o processo de inclusão do surdo na educação, no mercado de trabalho, na política e nos diversos segmentos da sociedade valorizando seu conhecimento. A partir destes questionamentos que serão embasados em análise minuciosa e respaldados em teóricos conceituados pretende-se aclarar as possíveis indagações acerca do desenvolvimento da Cultura Surda no Brasil. Esta pesquisa será pautada em dados bibliográficos destacando autores que analisam a inclusão social do surdo.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura surda; Identidade surda; Comunidade surda.

1. Introdução

Esta breve análise teve o intuito de discorrer sobre a Cultura Surda através do tempo. Para tanto os objetivos iniciais eram conhecer a História da Língua de Sinais, de onde se originou, como chegou ao nosso país e identificar sua importância na formação da Comunidade Surda. Uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas através da cultura. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica convém mostrar aqui o significado da mesma. De acordo com PRESTES (2003), pesquisa bibliográfica é aquela que serve tanto ao acadêmico, na sua graduação, quanto aos pesquisadores, na elucidação dos trabalhos inéditos que pretendem rever,

¹ Pós-graduando em Libras - Departamento de Pós-Graduação – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – _naikeke69@gmail.com

² Professora Especialista em Língua Brasileira de Sinais – Docente – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – roaferreira@hotmail.com

re-analisar, interpretar e criticar considerações teóricas ou paradigmas, ou ainda criar novos teoremas, com o objetivo de tentar compreender os fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento.” Entende-se por cultura: “O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade.” FERREIRA, (2010). Assim sendo, as manifestações e práticas de um determinado grupo pode ser classificado como tal. Cultura não é só uma língua. No decorrer do tempo os surdos formaram uma cultura própria fundamentada na comunicação sinalizada. A identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos refere-se à cultura surda. A formação cultural de um povo surdo decorre das diferenças humanas, do preconceito social em defesa de uma causa comum. A incessante busca pela construção da identidade e por fim sua inserção na comunidade a qual pertence. Os conflitos da identidade surda são gerados por conta das relações de poder da cultura ouvinte que quer impor sua condição sem dar ao surdo a possibilidade de aprender uma língua que é a sua língua materna. Para Skliar (1998), as crianças surdas têm uma facilidade natural de desenvolver a língua de sinais. Comunicar-se e construir conhecimento em Libras, para a criança surda, é como se comunicar e construir conhecimentos em português, para crianças ouvintes. Assim, convém entender que as pessoas surdas:

[...] têm o direito de se desenvolverem numa comunidade de pares, e de construírem estratégias de identificação no marco de um processo sócio-histórico não fragmentado, nem cercado. Mas, não estou simplesmente mencionando o processo individual ou a individualização de identidades, como se elas fossem homogêneas, estáveis, fixas, como se a identificação entre os surdos ocorresse de forma inevitável, uma vez que a ‘surdez os identifica’. Refiro-me, sim, a uma política de identidades surdas, onde questões ligadas à raça, à etnia, ao gênero, etc., sejam também entendidas como “identidades surdas”; identidades que são, necessariamente, híbridas e estão em constante processo de transição. (SKLIAR, 1998, p. 27)

2. História da Língua de Sinais

A História da Língua de Sinais Brasileira LIBRAS data de 1857 quando a convite de D. Pedro II veio ao Brasil Hernest Huet, educador francês surdo desde os 12 anos, ex-aluno do Instituto de Paris, e trouxe consigo a Língua Francesa de Sinais. A pedido deste o imperador fundou a primeira escola para surdos do país no Rio de Janeiro, o INES Instituto Nacional de Educação de Surdos. A Língua Brasileira de Sinais teve grande influência da Língua Francesa. (HONORA, & FRIZANCO, 2009)

A LIBRAS foi usada até 1911 quando por determinação do Congresso Internacional de Surdos-Mudos de Milão foi adotado o Oralismo. Deu-se um retrocesso. Começava uma era de muito preconceito e discriminação. O Dr. Menezes Vieira que foi um dos primeiros diretores

do INES defendia a linguagem oral e achava ser um desperdício alfabetizar pessoas surdas num país de analfabetos. Acreditava que a fala era o meio para incluir o surdo na sociedade. Diferente do Dr. Menezes, o Dr. Tobias Leite também diretor da instituição defendia que o surdo servia para receber e executar ordens. Outro médico que posteriormente atuou como diretor e acreditava na educação oralista era o Dr. Armando Paiva Lacerda, este também fazia com que os alunos passassem por testes para classifica-los desde os totalmente surdos até os semissurdos separando-os. Assim ele afirmava: *“Separados os anormais em classes homogêneas suaviza-se sobremaneira a tarefa educativa que é muito mais difícil e ingrata em relação a estas crianças.”* (SOARES, 1999, s/p)

Quase 100 anos após a fundação do Instituto assume a direção a Prof.^a Ana Rímoli de Faria Dória que implementou o Curso Normal de Formação de Professores para Surdos, mas com metodologia voltada para o Oralismo. Por volta de 1970 chegava ao Brasil a filosofia da Comunicação Total, trazida por Ivete Vasconcelos, educadora de surdos da Universidade Gallaudet. Através das pesquisadoras Prof.^a linguista em LIBRAS Lucinda Ferreira Brito e Eulália Fernandes - Educação de Surdos abriu-se portas para a difusão do Bilinguismo. Ainda hoje estas correntes atuam paralelamente. (HONORA, & FRIZANCO, 2009)

3. A formação cultural de um povo surdo

Identificar a importância da História da Libras na formação da Comunidade Surda ajuda a entender e clarear os passos para o desenvolvimento da Cultura Surda no Brasil. Para entender o conceito de cultura é preciso conhecer sua definição. Tylor (1871 apud FERREIRA, 2003, p. 10) define cultura “... como sendo todo comportamento apreendido que independe de uma transmissão genética,” isso significa que a cultura é influenciada pelo meio. Cabe aqui ressaltar as diferenças entre cultura e comunidade através da ótica da linguista surda Padden (1989 apud FELIPE, 2001, p.38):

uma cultura é um conjunto de comportamentos aprendidos de um grupo de pessoas que possui sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições [...] A cultura surda é mais fechada que a Comunidade Surda. Membros de uma cultura surda se comportam como as pessoas Surdas, usam a língua das pessoas de sua comunidade e compartilham das crenças das pessoas Surdas entre si e com outras pessoas que não são surdas.

As primeiras comunidades surgiram a partir da necessidade da pessoa surda ter assegurado seu espaço, seu direito de estar entre seus pares, de compreender e ser

compreendida, de produzir, trabalhar, constituir família. Para PERLIN (1998) os sujeitos surdos vivem em uma situação de marginalização.

“O surdo foi acumulando estereótipos que têm reforçado cada vez mais a hegemonia discriminatória de sua produção cultural. O discurso do poder ouvinte mantém-se firme e controla estes estereótipos.” (PERLIN, 1998, p. 55). O mercado de trabalho é um exemplo. Os sujeitos surdos normalmente ocupam funções de subordinação, dificilmente atuam como chefe, gerente ou quaisquer funções de liderança. Sendo assim falar em identidade surda implica em ressaltar que não existe apenas uma única identidade, pois conforme o sujeito surdo vai conhecendo melhor o mundo à sua volta, também aceita ou não algumas imposições do sistema a que pertence. A identidade cultural de um grupo de surdos que se posiciona como diferente em relação a outros grupos é caracterizada como Cultura Surda. Sendo assim cada grupo se ajusta à sua própria comunidade. Cada grupo tem seu padrão de comportamento. FELIPE (2001, p.38) afirma que os surdos possuem “uma forma peculiar de apreender o mundo que gera valores, comportamento comum compartilhado e tradições sócio-interativas. A esse *modus vivendis* dá-se o nome de Cultura Surda.”

As comunidades surgiram em princípio como Organizações Surdas, no ano de 1834 quando os surdos eram tratados como “povo surdo” e “nação surda”. A expressão “comunidade surda” é de origem mais recente e é pela cultura que ela se distingue de outras comunidades. “Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo em ser diferente em questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social.” (PERLIN, 1998). Dois professores surdos franceses Ferdinand Berthier e seu colega Lenoir decidiram mobilizar um grupo de surdos para festejar o aniversário de nascimento do abade de L’Epée, mais tarde esses surdos se tornariam representantes da comunidade surda. As associações foram ocupando espaços e se espalhando pelo mundo. No Brasil as Associações Surdas foram vistas com bons olhos entre os surdos e em 1913 eles já se organizavam. Porém as ideias do oralismo também avançava e os ouvintes tomaram o controle. Em São Paulo foi fundada a primeira Associação realmente de surdos no Brasil. A partir daí foram surgindo também em outras regiões do país. A Comunidade Surda Brasileira comemora no dia 26 de setembro, o Dia Nacional do Surdo, quando as lutas históricas vividas são lembradas na busca por dignidade entre outros direitos, não só como surdo, mas como cidadão.

4. Identidade surda e seus conflitos

Daí essa identidade estar sempre em processo de formação e transformação. As identidades surdas classificadas por PERLIN (1998, p. 62-63) mostram como o surdo é colocado na sociedade, muitas vezes sem o direito de escolher como deseja se posicionar. Para a autora, as identidades surdas,

[...] estão presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos formas muito diversificadas de usar a comunicação visual. No entanto, o uso da comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo. [...] Este tipo de identidade surda recria a cultura visual, reclamando à história a alteridade surda.

As identidades surdas híbridas se referem ao ouvinte que por motivo de doença ou acidente perdeu a audição e faz uso da Língua de Sinais para se comunicar. Por vezes a voz fica alterada, é mal articulada porque a pessoa ouve mal causando desconforto e até mesmo constrangimento entre ouvintes sendo mais fácil usar a Língua de Sinais. “Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam-na para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais.” (PERLIN, 1998, P. 63). Quando se fala da identidade surda de transição refere-se a surdos filhos de pais ouvintes que crescem com a ideia de oralização e, ao contato com a Língua de Sinais vão se identificando com a comunidade surda. “... embora passando por essa des-ouvintização, os surdos ficam com sequelas da representação que são evidenciadas em sua identidade em reconstrução nas diferentes etapas da vida.” (PERLIN, 1998, p. 64). A identidade surda incompleta está relacionada a surdos que vivem sob o domínio de uma ideologia ouvintista latente e tem dificuldades para socialização tanto com ouvintes como também com outros surdos. “... há casos de surdos de surdos cujas identidades foram escondidas, nunca puderam encontrar-se com outros surdos, conseguiram adentrar-se ao saber junto aos ouvintes e há casos de surdos mantidos em cativéis pela família onde se tornam incapacitados de chegar ao saber ou de se decidirem por si mesmos.” (PERLIN, 1998, P. 75). E por fim, a identidade surda flutuante onde o sujeito surdo tem consciência de seu posicionamento quanto a ser ou não ser surdo, não convivem na comunidade ouvinte por falta de comunicação fluente, nem na comunidade surda por falta da língua de sinais. “São muitos os casos e muitas histórias de surdos profissionalizados que vivem as identidades flutuantes, pois não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais. É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas,

fragmentadas.” (PERLIN, 1998, p. 66). Os surdos sempre foram considerados pessoas inferiores na sociedade. A Língua de Sinais considerada mímica sempre foi desacreditada e sempre houve preconceito quanto a seu uso. Conforme ressalta FOUCAUT, (1970, p. 10 e 11):

Assim era também com todo aquele, que por intermédio da linguagem não fosse considerado possuidor de atributos humanos, [...] aquele cujo discurso não pode circular como os dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância [...].

Até chegar a pleno desenvolvimento da identidade o sujeito surdo passa por angústias, aflições, sofrimentos inimagináveis. A imposição ouvinte oprime, machuca, magoa e traz consequências como o afastamento das outras pessoas, a reclusão, até que este indivíduo surdo construa de fato sua identidade para se inserir na comunidade surda à qual pertence. PERLIN (1998, p. 9) define essa angústia com propriedade: “A comunicação existente entre as pessoas ouvintes me deixa assustada. É difícil compreender o que transmite seu pensamento através de lábios que se movimentam com uma rapidez, terrivelmente louca.” Esse processo é longo e doloroso, pois muitas vezes depende da compreensão do que é ser surdo, por parte do ouvinte. PERLIN coloca que “o surdo pertence ao grupo de culturas subalternas.” A busca incessante e incansável pela libertação do poder ouvintista faz surgir um lugar de transição: a *Comunidade Surda*. É nesse cenário, onde o surdo encontra seus pares e tem a liberdade de procurar sua verdadeira identidade. Laborit (1994, p. 119) sinaliza para o fato de que no encontro surdo-surdo existe uma conexão, uma sintonia para compartilhar suas histórias e vivências. “A grande diferença é quando um surdo se encontra pela primeira vez com outro surdo, eles contam pela primeira vez histórias de surdos, isto é de suas vidas. Tudo isso de um minuto para o outro, como se conhecessem desde a eternidade. O diálogo é imediato, direto, fácil. Nada a ver com o dos ouvintes. Um ouvinte não avança sobre um outro logo. É preciso tempo para travar conhecimento. Montões de palavras para se dizer o que se quer. Eles tem uma maneira de pensar, de construir o pensamento da minha, da nossa.” Diferente do ouvinte, o comportamento do sujeito surdo é o de quem sabe “ouvir”, assim como uma criança ávida pelo conhecimento.

5. Considerações finais

Durante a realização desta pesquisa o autor teve a oportunidade de conhecer a Cultura Surda, um pouco mais sobre a História da Língua de Sinais, onde e como surgiram as primeiras comunidades surdas, a relevância da história no desenvolvimento da Cultura no Brasil, o quanto

a identidade surda é importante para a comunidade. Cabe aqui refletir sobre como a sociedade cuida dos seus pares. A escola deixa a desejar quando não trata a inclusão com dignidade. Percebeu-se que as adversidades continuam e que existe uma resistência por parte dos ouvintes em acolher o surdo como ser humano igual. Acredita-se ser possível trazer essa minoria tão menosprezada e aprender com ela. Observou-se ao decorrer desta caminhada um povo lutador. Ensinar uma Língua é um ato de amor. Paciência é a palavra que define quem se compromete a compartilhar esse aprendizado. A LIBRAS caminha a passos lentos. O surdo tem pressa de ser reconhecido, considera-se com isso que há muito a ser pesquisado sobre o assunto e ações efetivas para que essa comunidade surda seja constituída de fato uma comunidade surda brasileira.

Referências

FELIPE, T.A.; MONTEIRO, M.S. *Libras em contexto* – Livro do Professor Instrutor – Curso Básico – Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos / MEC-SEE, 2001.

FERREIRA, A.B.O. **Mini Aurélio**: dicionário da língua portuguesa - 8. Ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAUT, M. *A ordem do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1970.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LABOURIT, E. *O vôo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994.

SKLIAR, C. *Os estudos em educação*: problematizando a normalidade. In: _____. (Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, M.A.L. *A Educação do Surdo no Brasil*. Bragança Paulista. Editora Autores Associados, 1999.

PERLIN, G.T.T. *Identidades Surdas*. In: (Org.) SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. G.T.T. *Histórias de vida surda*: Identidades em questão. 1998. 108fls. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. FACULDADE DE EDUCAÇÃO. Porto Alegre: 1998.

PRESTES, M.L.M. *A pesquisa e a construção do conhecimento*: do planejamento aos textos, da escola à academia. 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.